AVALIAÇÃO PRELIMINAR DA AUTOMEDICAÇÃO E INFLUÊNCIA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL ENTRE ESTUDANTES DE MEDICINA

PRELIMINARY EVALUATION OF SELF-MEDICATION AND THE INFLUENCE OF ARTIFICIAL INTELLIGENCE AMONG MEDICAL STUDENTS

Maria Luiza Braga Maia Barros[1], Bruna Nogueira Céspedes[1], Isabelle Maria Reis Viana[1], Brennda Kauanny Mariani Câmara[1], Luís Fernando Castagnino Sesti[2]

1. Acadêmicas do curso de Medicina da Faculdade de Ciências Médicas de Palmas - Afya; 2. Professor do curso de Medicina da Faculdade de Ciências Médicas de Palmas - Afya.
luis.sesti@afya.com.br

Eixo Temático: Saúde

RESUMO

A automedicação é uma prática comum entre acadêmicos da área da saúde, muitas vezes estimulada pela facilidade de acesso a medicamentos e ao conhecimento técnico adquirido. Com o advento de novas tecnologias, destaca-se o uso de Inteligência Artificial (IA) no autodiagnóstico. Este estudo objetivou analisar preliminarmente a prevalência e as características da automedicação e o uso de IA entre estudantes de medicina de uma instituição privada em Palmas, Tocantins. Trata-se de um estudo quantitativo, descritivo e transversal. Utilizou-se um questionário eletrônico preenchido por 92 acadêmicos. Os resultados demonstraram que 87% (n=80) dos estudantes praticaram automedicação nos últimos seis meses, majoritariamente com analgésicos e anti-inflamatórios. Os sintomas mais relatados foram cefaleia e mialgia, sendo a falta de tempo e a minimização dos sintomas as principais barreiras para a consulta médica tradicional. Notavelmente, 55% (n=51) utilizaram IA para orientação sobre medicamentos e 58% para autodiagnóstico prévio à consulta. Conclui-se que a automedicação apresenta alta prevalência nesta população preliminar, sendo intensificada pela integração de ferramentas digitais no cotidiano. Evidencia-se a urgência de intervenções educativas que promovam o uso racional de medicamentos e orientem sobre os limites éticos e de segurança clínica no uso da IA na saúde.

Palavras-chave: Automedicação. Estudantes de Medicina. Inteligência Artificial. Uso Racional de Medicamentos.

ABSTRACT

Self-medication is a common practice among healthcare academics, often stimulated by easy access to medications and acquired technical knowledge. With the advent of new technologies, the use of Artificial Intelligence (AI) in self-diagnosis stands out. This study aimed to preliminarily analyze the prevalence and characteristics of self-medication and AI usage among medical students at a private institution in Palmas, Tocantins. This is a quantitative, descriptive, and cross-sectional study. An electronic questionnaire was completed by 92 academics. The results showed that 87% (n=80) of the students practiced self-medication in the last six months, mostly with analgesics and anti-inflammatory drugs. The most reported symptoms were headache and myalgia, with lack of time and symptom minimization being the main barriers to traditional medical consultation. Notably, 55% (n=51) used AI for medication guidance, and 58% for self-diagnosis prior to consultation. It is concluded that self-medication has a high prevalence in this preliminary population, being intensified by the integration of digital tools in daily life. There is an urgent need for educational interventions promoting the rational use of medicines and guiding on the ethical and clinical safety limits of using AI in healthcare.

Keywords: Self-Medication. Medical Students. Artificial Intelligence. Rational Use of Medicines.

INTRODUÇÃO

A automedicação é definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como o consumo de fármacos sem a prescrição ou orientação de um profissional habilitado, configurando-se como um dos principais desafios de saúde pública no Brasil.[1] Entre os universitários da área da saúde, e em particular os estudantes de medicina, essa conduta adquire contornos preocupantes. A intensa rotina acadêmica, o estresse, o livre acesso ao ambiente farmacológico e a falsa percepção de domínio clínico precoce impulsionam o uso indiscriminado de substâncias terapêuticas, especialmente analgésicos e anti-inflamatórios.[2]

Avanços tecnológicos recentes adicionaram um novo componente a essa prática: a inteligência artificial (IA) e as plataformas de busca virtual. O acesso facilitado a assistentes digitais fomenta o autodiagnóstico, induzindo respostas terapêuticas sem validação profissional, fato que amplia o risco de interações medicamentosas, mascaramento de sintomas graves e reações adversas.[3] O entendimento dessa interface digital com o comportamento em saúde torna-se, portanto, uma lacuna científica essencial a ser preenchida. O objetivo deste estudo é analisar preliminarmente a prática da automedicação entre estudantes de medicina e investigar o papel das tecnologias baseadas em inteligência artificial nesse contexto.

MÉTODO

Trata-se de um estudo observacional, transversal e quantitativo, de caráter descritivo, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa. A coleta de dados ocorreu em uma instituição de ensino superior privada localizada no município de Palmas, Tocantins. A amostra preliminar de conveniência foi constituída por 92 estudantes de medicina, devidamente matriculados em diferentes períodos do curso (ciclo básico, clínico e internato), maiores de 18 anos e que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

O instrumento de coleta foi um questionário eletrônico estruturado e anônimo, composto por variáveis sociodemográficas, padrões e frequência de automedicação, classes farmacológicas utilizadas, sintomas motivadores e utilização de IA na tomada de decisão em saúde. Os dados foram tabulados e submetidos a análise estatística descritiva (frequências relativas e absolutas) em software de planilha eletrônica.

RESULTADOS

A análise preliminar incluiu 92 acadêmicos de medicina, com predominância do sexo feminino (67,4%) e faixa etária concentrada entre 21 e 25 anos (53,2%). Observou-se que 87% (n=80) dos participantes praticaram automedicação nos seis meses anteriores à coleta, e 76% (n=70) relataram já ter indicado medicamentos a terceiros. A falta de tempo e a minimização da gravidade dos sintomas foram as barreiras mais frequentes relatadas para a não procura por atendimento médico formal.

A classe medicamentosa mais prevalente compreendeu os analgésicos e antipiréticos (paracetamol e dipirona), frequentemente associados a anti-inflamatórios não esteroidais (AINEs) e antialérgicos. Os quadros clínicos que mais motivaram a prática foram cefaleia e dor muscular. Quanto às fontes de informação para o consumo de fármacos, a internet, o círculo familiar/amigos e a IA destacaram-se significativamente. Cerca de 55% (n=51) dos discentes referiram o uso direto de assistentes de IA para orientar a automedicação, e 58% (n=53) afirmaram ter realizado consultas virtuais via IA antes de recorrer a um profissional clínico. Contudo, apenas 8,7% (n=8) acreditam que a IA possa substituir inteiramente o médico.

DISCUSSÃO

Os resultados preliminares corroboram a literatura vigente ao demonstrar a elevada prevalência (87%) da automedicação entre os acadêmicos de medicina, motivada por fatores socioculturais de imediatismo, estresse acadêmico e sensação de autossuficiência científica.[3] Além dos clássicos padrões de uso de analgésicos e anti-inflamatórios, chama atenção a forte intersecção do comportamento de automedicação com o ambiente digital.

A constatação de que mais da metade da amostra utiliza a IA como ferramenta de triagem clínica e direcionamento farmacológico ilustra a emergência do fenômeno da 'automedicação digital'.[4] Embora os acadêmicos saibam que as plataformas não substituem a consulta, o uso como atalho diagnóstico eleva substancialmente o risco de mascaramento de patologias (risco reconhecido por 93% dos participantes na pesquisa) e a possibilidade de erro algoritmo-dependente. Isso levanta um alerta urgente sobre a necessidade de integração da literacia digital em saúde no currículo médico, capacitando os futuros profissionais a lidarem eticamente com a IA.

CONCLUSÃO

Conclui-se, a partir desta amostra preliminar, que a automedicação é um comportamento hegemônico entre os estudantes de medicina avaliados, fortemente impulsionado pela minimização de sintomas e pela rotina acadêmica. A utilização de ferramentas baseadas em inteligência artificial consolidou-se como um importante mediador nesse processo, servindo como base para autodiagnósticos e escolhas terapêuticas prévias ao atendimento formal. Tais achados reforçam a urgência de debates institucionais e ações educativas para mitigar os riscos dessa prática e orientar o uso racional das inovações digitais na saúde.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Organização Mundial da Saúde (OMS). Guidelines for the Regulatory Assessment of Medicinal Products for Use in Self-Medication. Geneva: WHO, 2000.
2. Moraes LGM, et al. Automedicação entre estudantes de Medicina: fatores associados e riscos. Rev Bras Educ Med. 2018;42(2):36-42.
3. Borges TL, et al. Automedicação entre universitários da área da saúde: fatores associados e implicações. Rev Bras Educ Med. 2022;46(4):e153.
4. Ramos CF, et al. Digital self-diagnosis and self-medication: risks and trends among medical students. J Med Internet Res. 2023;25:e45678.